

# As universidades americanas com fins lucrativos

Jornal Sol 1 de junho 2016

<http://sol.sapo.pt/artigo/512131/as-universidades-americanas-com-fins-lucrativos>

Desde há cerca de 15 anos que o comércio internacional do Ensino Superior vem assumindo uma maior relevância no quadro daquilo que geralmente se denomina como Globalização, sendo sancionado em particular pela Organização Mundial do Comércio, pelo Acordo Geral de Comércio e Serviços, pelo Banco Mundial e pela OCDE. No terreno são os grandes grupos educacionais americanos com fins lucrativos, “for profit” com ou sem cotação em Bolsa que lideram este processo.

Contrariamente ao que se poderia supor, as instituições “for-profit” representam nos EUA apenas 11% do total dos alunos, os quais são recrutados sobretudo entre os sectores mais frágeis da sociedade americana (afro-americanos e latinos, desempregados, desmobilizados e deficientes das guerras do Iraque e do Afeganistão etc.). Mais recentemente estes grupos, cuja imagem social tem vindo a degradar-se de forma sustentada, voltaram-se para o exterior e em particular para a América Latina onde a regulamentação do Ensino Superior e o xadrez político é mais permeável e menos transparente.

Esta degradação da imagem resulta entre outras razões do facto que nos EUA mais de 90% dos alunos das “for profit”, contraíram ou foram induzidos a contrair empréstimos para pagar os seus estudos, apesar da reduzida possibilidade de um dia virem a cumprir o seu normal reembolso. E estes 11% de alunos por si só, contribuem agora com cerca de metade do valor da dívida estudantil nos EUA a qual atinge actualmente \$ 1,4 triliões, ou seja, é superior à dívida global dos cartões de crédito e apenas inferior à dívida da habitação. Uma espécie de bolha “subprime da educação” à espera do colapso. Paradoxalmente estas instituições obtêm cerca de 90% dos seus recursos através de bolsas e financiamento de origem pública. Se aliarmos a esta situação o facto dos indicadores de empregabilidade serem inferiores, a qualidade do ensino ser objecto de dúvidas e a taxa de abandono sem conclusão dos cursos, ser muito superior à dos outros sectores, (Público e Privado sem fins lucrativos), facilmente se identifica aqui uma mistura tóxica sem futuro.

Assim o entendeu o Senado Americano que mandou proceder a uma vasta e complexa investigação, cujos resultados divulgados em 2012, puseram a nu a natureza predatória deste modelo. Foi assim revelado publicamente que os grupos educacionais examinados pelo Senado aplicavam **em média 22,7% dos seus recursos em marketing, publicidade e recrutamento de alunos, 19,4% na remuneração dos accionistas e lucros e 17,2% na instrução propriamente dita**<sup>1</sup>.

Joseph Stiglitz, prémio Nobel da Economia, num artigo publicado no New York Times em maio de 2013, pôde assim alertar a opinião pública “... *esta crise está intimamente ligada à desigualdade crescente dos Estados Unidos, e como, os americanos mais desfavorecidos, se esforçam para subir, mas como são*

*inevitavelmente puxados para baixo - alguns a um ponto ainda mais baixo, do que onde eles começaram”.*

Consequentemente os Tribunais americanos passaram a dedicar uma maior atenção a esta questão. O primeiro grande caso veio a público no início de 2015, com a condenação na Califórnia do Grupo Corinthians (Nasdaq:COCO) com o consequente encerramento de todas as suas universidades e “colleges” por publicidade enganosa, recrutamento predatório e outras mais vilanias. Atualmente, 37 procuradores gerais criaram um grupo de trabalho focado nas “for-profit” cobrindo quase todo o território dos EUA.<sup>ii</sup>

Por outro lado a Administração Obama passou a exigir maior responsabilização das “for-profit” relativamente aos processos de recrutamento, impondo limites á utilização de recursos públicos e maior controlo sobre a qualificação e empregabilidade daqueles que conseguirem terminar os seus estudos. (“Gainful employment” rules, For-Profit College “90-10 Rule”etc.)

No computo geral, o sector está desde há 4 a 5 anos em profundo retrocesso económico e descrédito social.

Tal é o caso dos maiores grupos educacionais que têm progressivamente procurado novos mercados na América latina. Assim foram criadas a Apollo Global (Nasdaq:APOL) e a DeVry-Brasil (Nasdaq:DV), enquanto a Laureate Education consolidava a sua posição, onde mais de 80% dos seus alunos se encontram agora no Brasil e noutros países da América Latina.

No entanto esta alternativa por si só não basta, pois não tem impedido que a cotação em Bolsa da DeVry, em paralelo com os outros grupos educacionais, não cesse de cair. O Grupo Apollo acaba de ser vendido a um consórcio liderado pelo Vistria Group, depois de um complexo processo para definição do valor da operação.

Por seu lado a Laureate também enfrenta uma situação muito complexa expressa no rating da sua dívida atribuído pela Moody’s, o qual baixou novamente em julho de 2015, de B2 para B3 com algumas áreas extremas ao nível de Caa2<sup>iii</sup>. Tendo no passado assente em grande parte o seu desenvolvimento, por meio da aquisição de novas instituições com recurso a empréstimos, restava-lhe a possibilidade de concluir uma OPV no valor de mil milhões de dólares, lançada em outubro de 2015 mas que até à data não teve compradores.

Neste contexto, iniciou em abril deste ano a venda de todas as instituições que possuía em França ao fundo de investimento Apex Partners. Mais significativa, foi a venda à Eurazeo das suas mais prestigiadas instituições Glion Institute of Higher Education e Les Roches International School of Hotel Management em março deste ano por cerca de \$400 milhões.

No caso do Brasil estes grupos enfrentam ainda novas ameaças em consequência da pretensão do Presidente interino Michel Temer de acabar ou de reduzir drasticamente as políticas públicas dos Governos Lula/Dilma (ex. programas PROUNI e FIES) que asseguravam o acesso ao ensino Superior de centenas de milhar de jovens, provenientes de famílias de baixa ou muito baixa renda. Estes grupos educacionais correm assim o risco de perder uma percentagem elevada de alunos que anteriormente poderiam beneficiar destes programas.

É certo que ninguém pode prever o futuro deste modelo, pois o comércio internacional da educação não deixará de existir, tanto mais que foi entretanto apropriado pelo sistema financeiro mundial.

Falta saber em que medida estes grupos educacionais serão capazes de se reorganizar, de modo que a Educação deixe de ser apenas uma mercadoria, e volte a ser um investimento no futuro da Humanidade.

---

<sup>i</sup> United States Senate, Health, Education, Labor and Pensions Committee, For Profit Higher Education: The Failure to Safeguard the Federal Investment and Ensure Student Success, July 30, 2012

<sup>ii</sup> <http://www.republicreport.org/2014/law-enforcement-for-profit-colleges> (updated 05-02-16)

<sup>iii</sup> [https://www.moody.com/research/Moodys-downgrades-Laureate-Educations-CFR-to-B3-from-B2--PR\\_328558](https://www.moody.com/research/Moodys-downgrades-Laureate-Educations-CFR-to-B3-from-B2--PR_328558)